

## ***Laudatio***

***Por ocasião da entrega da Medalha de Ouro da Faculdade de Letras  
em 3 de dezembro de 2015***

**Teresa Martins de Oliveira**

*Universidade do Porto - ILC*

*Senhora Vice-Reitora, Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Fátima Marinho*

*Senhora Diretora da Faculdade de Letras, Prof.<sup>o</sup> Doutora Fernanda Ribeiro*

*Senhor Presidente do Conselho de Representantes, Prof.<sup>o</sup> Doutor Carlos Azevedo*

*Senhor Presidente do Departamento de Estudos Germanísticos, Prof.<sup>o</sup> Doutor John Greenfield*

*Ilustres Autoridades Académicas, Diplomáticas e Consulares*

*Caros Colegas*

*Caro Prof.<sup>o</sup> Doutor Gonçalo Vilas-Boas*

*Caros Estudantes e Funcionários*

*Minhas Senhoras e Meus Senhores*

Fiz parte do 1.<sup>o</sup> grupo de alunos do Professor Gonçalo Vilas-Boas, no longínquo ano de 1975. O curso de Filologia Germânica, fundado três anos antes, ocupava então um edifício na Rua das Taipas e Gonçalo Vilas-Boas fora nesse ano contratado como Assistente. Posso garantir que o novo professor, que se deslocava numa bicicleta de rodas pequeninas,

mais tarde substituída por uma pequena motorizada Boss azul, e que nos intervalos “enrolava cigarros”, o novo professor, dizia, causava (principalmente entre as alunas) uma viva impressão, que ia bem para além dos seus méritos pedagógicos e científicos. Estes não deixavam de nos impressionar também, e é um facto que foi com generalizada alegria que nós, os alunos, dissemos adeus às aulas de orientação exclusivamente magistral baseadas nos grandes nomes da Germanística dos anos 50, com grande destaque para Benno von Wiese.

Com o Dr.<sup>o</sup> Vilas-Boas liam-se agora “Arbeiterliteratur” [literatura operária] e os clássicos da modernidade, tendo Bertolt Brecht e Kafka, mas também Heinrich Mann e Heinrich Böll como autores privilegiados. Além disso, tinha havido já a divisão do Curso em Anglistica e Germanística, que vigorou durante alguns anos no período do pós 25 de abril, e o número de alunos a frequentar as aulas de literatura alemã diminuía de mais de uma centena por turma para uma turma (creio que) de uns “módicos” 40 estudantes, o que permitia ao novo docente praticar aquilo a que chamaria “Germanística de proximidade”. Não se pode afirmar que os estudantes, instados a uma participação ativa (como consta hoje das nossas páginas do Sigarra), reagissem todos acaloradamente, mas desenvolveram-se grupos muito participativos e entusiasmados. As abordagens orientavam-se agora predominantemente pela narratologia de inspiração estruturalista, mas, como comprovam os sumários das aulas do Prof. Vilas-Boas do ano de 1977, estavam já entre as suas referências os teóricos da Escola de Constança, Iser e Jauß e a estética de receção, que à época vivia momentos conjunturais na Alemanha. Para explicar os novos métodos e as suas aplicações práticas, o docente enchia o quadro de uns esquemas complexos e surpreendentes para os quais olhávamos com alguma desconfiança, e que depressa se tornariam marca de água das aulas do Professor Gonçalo. Escapavam então aos olhos dos alunos outras vertentes do trabalho que para o Doutor Vilas-Boas então se iniciava na FLUP.

De facto, Gonçalo Vilas-Boas teve um papel decisivo na consolidação da Germanística dentro da Faculdade, tanto pelos cargos diretivos e representativos que exerceu, como, principalmente, pela forma como promoveu o ensino da literatura de expressão alemã e contribuiu para o seu aprofundamento e dinamização, tanto a nível nacional como

internacional. Chamado a ocupar lugares na administração da FLUP desde o ano em que nela ingressou como docente (em 75-76 é Membro do Conselho Diretivo; em 77 e 78 Membro da Assembleia de Representantes), exerceu, entre outros, cargos de coordenação junto do Conselho Científico, presidiu ao Departamento, integrou o Conselho Científico e Pedagógico e Presidiu à Comissão de Eleições ininterruptamente durante anos consecutivos até à jubilação. O seu papel em prol da dinamização da Germanística não se restringiu à Universidade do Porto, tendo colaborado com outros destacados Professores de outras universidades portuguesas na criação de instituições e meios que consolidaram a Germanística em Portugal e projetaram a Germanística portuguesa no estrangeiro. Na qualidade de representante da FLUP, foi co-fundador da Revista *RUNA*, em 1984, e colaborou na criação da APEG, Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos, dez anos depois. Colaborou ainda com outras associações académicas, como a Associação Portuguesa de Literatura Comparada bem como, desde 1978, com a APPA, Associação Portuguesa de Professores de Alemão, foi também, desde o seu início, membro do CIEG (Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos).

Dos cargos que exerceu com sucesso destaca-se a Presidência do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, que ocupou desde 1998 até à sua jubilação: sob sua presidência, esta unidade de investigação recebeu a avaliação de “excelente” e, em 2014, a avaliação de excecional. Com a grande capacidade que lhe é própria para orientar e gerir consensos e para delegar de forma eficiente, Gonçalo Vilas-Boas estabeleceu desde sempre e “avant la lettre” um modelo próximo da hoje tão em voga “liderança suave”. Acrescem ainda, como qualidades inatas do Gonçalo, o seu talento diplomático e de hábil mediador: entre gentes, entre culturas, entre literaturas. Também nas relações da FLUP com o exterior estas características de Gonçalo Vilas-Boas se saldaram de forma muito positiva: estabeleceu para o Departamento desde o início da sua atividade na Faculdade de Letras muito cordiais relações com a Alemanha, através da sua embaixada e do seu consulado, com o DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst) e com o Goethe-Institut. Especialmente fecundas se tornaram as relações com a Suíça, com a sua embaixada e o seu consulado, bem como com a Pro-Helvetia.

Não é apenas com os países de língua alemã que Gonçalo Vilas-Boas desenvolve relações privilegiadas: o seu empenho na divulgação em Portugal da língua e literatura da Suécia levaram este país a atribuir-lhe, em 1994, a medalha da Ordem da Estrela Polar. De facto, por iniciativa do Prof. Vilas-Boas é criada na FLUP, no ano de 1979, com o apoio da Auto-Sueco, o curso livre de língua sueca, ao qual se vem juntar, a partir dos anos 90 um extenso rol de cursos livres de outras línguas ditas “exóticas”, que entretanto se tornaram um verdadeiro ex-libris da Universidade do Porto (p. ex. árabe, chinês, farsi, japonês, polaco, romeno, russo, etc.). Acresce ainda que, também a partir desses cursos, Gonçalo Vilas-Boas foi exercendo o seu múnus de diplomacia cultural, nomeadamente na organização de jornadas, ciclos de conferências, bem como no fomento de traduções e na publicação de antologias.

Das muitas relações que estabeleceu com universidades dos países de língua alemã há a destacar aquelas que desde cedo o ligaram à Universidade de Essen (hoje Duisburg-Essen). Por sua intervenção, e numa verdadeira antecipação do que viria a ser o Programa Erasmus/Sócrates, de que Gonçalo Vilas-Boas foi um dos primeiros coordenadores na Faculdade de Letras (nomeadamente de uma rede integrada pelas universidades de Essen, Gent, Bergen, Dublin e Oulu, entre 1989 e 1997; e outra com Amsterdão, Copenhaga, Estocolmo e Zurique), cedo a FLUP começou a ser visitada pelo Prof. Jochen Vogt, principalmente, mas também por outros professores daquela universidade. Lembro-me bem do 1.º seminário que Jochen Vogt orientou na FLUP e a que tive a felicidade de poder assistir, ainda como aluna, no ano de 1976. Com ou sem o apoio do DAAD, os Professores da Universidade de Essen regressavam ciclicamente ao Porto, que, mesmo sem Ryanair, se posicionava como rota privilegiada da à data ironicamente apelidada de “Reisegermanistik” (germanística de viagem), a que Jochen Vogt frequentemente aludiu. Por ação desta germanística itinerante e em grande parte por intermediação de Gonçalo Vilas-Boas, estudantes e jovens assistentes tinham acesso a muito do que de mais moderno se passava na literatura alemã e no seu estudo.

Cumpre, todavia, notar que é pelas capacidades científico-pedagógicas verdadeiramente excepcionais que estruturam e suportam todo o labor de Vilas-Boas que

este se torna realmente eficaz. De facto, o seu trabalho letivo e de divulgação cultural é suportado pela vasta obra científica que construiu e que o tornou uma referência da Germanística, não só em Portugal como também da Germanística estrangeira, tanto nos países de língua alemã como em muitos outros países europeus. É, pois, a atividade do Prof.<sup>o</sup> Vilas-Boas como docente e como investigador que quero destacar. Antes ainda, permitam-me voltar atrás, para lembrar alguns pontos decisivos do seu percurso.

Foi talvez o extraordinário talento linguístico do jovem Gonçalo – atestado quer pela sua proficiência em inglês, adquirida por influência materna, quer pelo domínio da língua alemã, consolidado durante dois anos de estudos na Suíça – aliado a uma sólida formação humanista, construída no 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> ciclos do liceu que frequentou no Colégio dos Jesuítas nas Caldinhas e sedimentada pela frequência de dois semestres do curso de Filosofia na Universidade de Friburgo (Suíça), que ditou a opção de Gonçalo Vilas-Boas pelo Curso de Filologia Germânica da Faculdade de Letras de Coimbra. A tal escolha não seria também alheio o prestígio dos seus Professores (lembrem-se Paulo Quintela, e os jovens professores Maria Manuela Delille, Kark-Heinz Delille e Ludwig Scheidl) que lhe terão formado o gosto pelo estudo da literatura e pela investigação literária.

Depois de um breve período de exílio em França, a que a revolução de abril vem pôr cobro, e regressado ao Porto, Gonçalo Vilas-Boas é contratado como assistente eventual na Faculdade de Letras e encarregado de lecionar cadeiras de língua e de literatura alemãs, depois também de estudos literários. Até aos dias de hoje, foi privilegiadamente a literatura de expressão alemã, com preferência pela literatura moderna e contemporânea e especialmente pela literatura suíça, aquela a que consagrou a maior parte do seu tempo de investigador. As opiniões dividem-se quanto às razões que terão ditado esta sua preferência: numa perspetiva biografista, poderá aventar-se que tenha sido a influência dos dois semestres na Universidade de Friburgo, na fase marcante do início da juventude, outros lembram o fascínio do Gonçalo por objetos de precisão, como os relógios ou mesmo os canivetes suíços, ou ainda os chocolates. Por fim, num registo mais universitário, há aqueles que reconhecem na opção por esta Germanística de fora da Alemanha a perspetiva sempre atenta às descentralizações, às deslocalizações e à mobilidade, ao núcleo e às

margens, que é própria do pensamento da Modernidade e que desde sempre orientou as opções culturais e estéticas de Vilas-Boas. Certo é, também, o seu fascínio por outro pequeno grande país: a Suécia, tendo lecionado diferentes unidades curriculares dedicadas à língua e à literatura daquele país, com especial destaque para o seu teatro, nomeadamente Strindberg. Lecionou ainda seminários sobre mitos na cultura contemporânea, tendo também, principalmente em cursos de Mestrado, regido seminários sobre literatura de viagens e sobre literatura policial, géneros que, embora crescentemente valorizados desde os anos 70, só nas últimas décadas têm vindo a ser aceites nas universidades portuguesas. Para esta aceitação na academia, também Gonçalo Vilas-Boas terá dado o seu contributo.

Para além da leção de seminários no curso de doutoramento e em diversos Mestrados, dos quais há a destacar o Mestrado em Texto Dramático e depois em Estudos de Teatro, curso a que presidiu até à sua jubilação, orientou, nas áreas da sua especialização, mais de duas dezenas de dissertações de mestrado e doutoramento; Integrou também, como membro de júri, quase uma centenas de provas de mestrado, doutoramento e agregação, sendo em muitas delas o arguente principal.

Na ação letiva de Gonçalo Vilas-Boas não pode ser esquecida aquela que exerceu no estrangeiro, principalmente ao abrigo do Programa Erasmus, que ciclicamente o levava a universidades da Finlândia, Irlanda, Noruega, Suécia, e à Alemanha e sempre, de novo, a Essen.

Serão poucos os estudantes que se não desdobram em encómios à ação docente do Professor Vilas-Boas: de facto, é proverbial a simpatia de que goza entre atuais e antigos alunos, atraídos pela forma como concilia abertura, tolerância e respeito, ao mesmo tempo que se empenha em alargar-lhes horizontes literários, intelectuais e humanos e em induzir neles o “prazer da leitura”, para ele tão importante. Tanto os estudantes de licenciatura como, principalmente, os de mestrado e de doutoramento e, por certo, também muitos Colegas poderão atestar comigo a enorme generosidade intelectual (e mesmo material) com que o Professor Vilas-Boas partilha o seu saber ... e os seus livros. Assim, são cada vez mais os livros que transitam definitivamente da biblioteca do Gonçalo para a do Departamento de Estudos Germanísticos e do Instituto de Literatura Comparada. Esta sua enorme

generosidade intelectual, aliado ao seu grande entusiasmo pelas literaturas encontra eco também no importante trabalho de extensão universitária e de divulgação literário-cultural a que nunca se furtou e que se revela na colaboração com jornais, com a radio ou com a televisão.

Preocupado com a sua permanente atualização teórico-metodológica e com as suas referências críticas, Gonçalo Vilas-Boas sempre acompanhou o seu labor pedagógico de uma empenhada atividade de investigação. Em 1987, Gonçalo Vilas-Boas defende na FLUP a sua tese de doutoramento, subordinada ao tema “A Trilogia de Wolfgang Koeppen. Um discurso de resistência” e a tese complementar com o título “O Processo de “Der Prozess”. O encontro/desencontro de Kafka e Peter Weiss”.

A dissertação principal tratava a obra mais destacada de um autor que tendo escrito e publicado na década de 30, só no final dos anos 70 e nos anos 80 via a sua obra reconhecida, por questões que se prendem com as especificidades históricas da Alemanha no tempo do nacional-socialismo e no pós-guerra. O trabalho de Gonçalo Vilas-Boas foi, por isso, um trabalho pioneiro sobre o autor. Partindo principalmente da teoria da comunicação narrativa desenvolvida por Dieter Janik e Aleksandra Okopien –Slavinska, mas também de Umberto Eco e de Iser, Gonçalo Vilas-Boas desenvolve um modelo de análise em que valoriza especialmente os contextos de produção e de receção nas suas diferentes vertentes, dando especial atenção às dimensões de intertextualidade. Tal modelo, alargado e atualizado, e cruzado com outros estudos na área da estética da receção e da imagologia intercultural, continua até hoje presente como matriz estruturante das análises literárias de Gonçalo Vilas-Boas e nas de muitos dos seus orientandos e alunos. Se lembrarmos ainda que motivos como “o mito” e “fronteira e viagens” fazem já parte dos tópicos de abordagem à obra de Koeppen, torna-se-nos evidente a coerência que enforma a muito vasta e eclética obra científica de Gonçalo Vilas-Boas.

Os muitos autores e temas que tratou tornariam fastidiosa qualquer tentativa de enumeração. Gostaria de notar que eles pertencem maioritariamente à literatura suíça de expressão alemã, com destaque para nomes como Robert Walser, Max Frisch, Friedrich Dürrenmatt, Urs Widmer, Hugo Loetscher, entre outros, e que é na área da literatura

comparada e da literatura de viagens, bem como da literatura sobre os mitos e a figura do Minotauro, que se centram os seus principais trabalhos de investigação.

Uma análise perfunctória à vasta lista das suas publicações permite-nos talvez destacar, como autores de eleição de Gonçalo Vilas-Boas, Franz Kafka e Annemarie Schwarzenbach. O primeiro acompanhou-o ao longo de toda a sua carreira de docente, de investigador e de divulgador: é tema dos primeiros sumários das suas aulas que conhecemos, da sua tese complementar, do primeiro colóquio que organizou em 1983, antes de inspirar múltiplos artigos em revistas nacionais e internacionais, congressos e jornadas e suas respetivas publicações, bem como um projecto de investigação do CIEG e ainda, com um carácter de divulgação, inúmeras palestras e artigos em jornais, na rádio e na televisão.

Quanto a Annemarie Schwarzenbach, cuja obra tão diferentemente preenche elementos caros o investigador GVB (refiro-me à literatura suíça e de viagem e aos múltiplos descentramentos: biográfico, genésico e estético) ela parece ter exercido sobre o Gonçalo o mesmo estranho fascínio que exerceu sobre homens e mulheres com quem privou. Tal fascínio, que Gonçalo Vilas-Boas partilha com um grupo de investigadores internacionais, ditará a extraordinária receção da obra literária e fotográfica de Annemarie Schwarzenbach a partir dos anos 80, receção essa em que Gonçalo Vilas-Boas teve um papel decisivo que lhe é internacionalmente reconhecido. Também em Portugal organizou, para além de atividades de divulgação, importantes colóquios internacionais, tendo ainda apoiado diversas e importantes exposições e divulgado o nome de Schwarzenbach entre a Germanística portuguesa e entre os seus alunos, labor do qual resultaram diferentes teses de mestrado e de doutoramento, bem como trabalhos de investigação próprios e dos seus discípulos, e ainda a tradução para português de grande parte da obra de Schwarzenbach, até então inédita entre nós.

A fechar esta enumeração de certa forma arquivística dos resultados do seu trabalho científico, refiram-se, por fim, as associações científicas a que pertence, das quais destacaria, a nível internacional, Strindbergssällskapet (Estocolmo); Robert-Walser

Gesellschaft (Berna); Gesellschaft für die Erforschung der Deutschschweizer Literatur, Franz Kafka Gesellschaft de Viena e Wolfgang Koeppen Gesellschaft de Greifswald.

Quase a terminar, não quero deixar de referir a família do Gonçalo, principalmente a Ana Maria, que o acompanhou ao longo da sua carreira universitária. Todavia, neste momento são três e não uma, as grandes mulheres que Gonçalo tem a seu lado (e não atrás de si). E pese embora a grande importância da Cristina na vida do pai, foi à mais pequena das três que coube a árdua tarefa de ajudar o Avô a adaptar-se à nova fase da vida. Para já, creio que a Margarida tem tido a vida muito facilitada, tal o número de atividades em que o Prof.º Vilas-Boas continua envolvido. Parece que a jubilação apenas lhe deixou mais tempo para trabalhar.

Por fim, quero agradecer publicamente ao Presidente do meu Departamento, Prof.º Doutor John Greenfield, o seu generoso convite para que fosse eu a proferir estas palavras. Recebi-o com um sentimento misto: se esse convite me encheu de orgulho, sabia, por outro lado que outros poderiam melhor do que eu desempenhar a tarefa de que eu era incumbida. E se aceitei tal desafio, foi porque sei que, tal como explica Jan Assmann, todos são chamados a colaborar na construção da «memória comunicativa» e que tal construção não cabe apenas aos que melhor a poderiam transmitir. Por outro lado, e se, a acreditar no que dizia John Greenfield, serei eu de entre os atuais membros do Departamento de Estudos Germanísticos, quem há mais tempo e de mais perto privou com o Gonçalo, serei também aquela que mais tenho a agradecer-lhe: os seus ensinamentos, a sua ajuda, o seu exemplo, a sua amizade. Encaro pois o facto de me ser permitido fazer este elogio como a grande oportunidade para em meu nome pessoal e em nome do Departamento de Estudos Germanísticos poder endereçar ao Prof. Gonçalo Vilas-Boas um sincero muito obrigada.